



BREVES NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA NAS OFICINAS DO ENCONTRO DO CURSO DE LETRAS DE BREVES (ECLEB)

DANIELI DOS SANTOS PIMENTEL; LUIZ GUILHERME DOS SANTOS JÚNIOR

RESUMO

Esta comunicação reúne os resultados do trabalho de criação literária a partir das oficinas de oralidade e escrita realizadas durante o IV e V Encontro do Curso de Letras em Breves (ECLEB), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Breves-Marajó. A oficina foi idealizada e ministrada pelo escritor Antonio Juraci Siqueira durante dois encontros do ECLEB. **Metodologia:** Para tanto, o proponente da oficina utiliza e aplica a sua metodologia de trabalho de criação literária que, para a proposta do evento, o autor chamou de “oficina relâmpago”, com duração de uma a seis horas de duração. **Resultados:** assim, as oficinas reuniram um repertório de narrativas do imaginário oral e popular dos municípios do Marajó; essas narrativas se presentificam na voz e no texto dos integrantes das oficinas. Nessas poucas horas de duração, é possível exercitar a oralidade e a escrita dos discentes, em seguida, registrar esse material em formas de folheto de cordel, gênero que notabiliza o escritor em questão. **Conclusão:** os folhetos: *Breves Cordéis* (2010) e *Breves Histórias* (2020) reúnem o material produzido durante as oficinas, ou seja, os textos narrados e assinados pelos participantes. O primeiro folheto reúne os textos da oficina de poesia popular – trova e cordel; o segundo contém as histórias narradas, nessa modalidade encontramos narrativas curtas e contos breves sobre mitos, entidades e encantarias da região. Os dois cordéis foram organizados e editados pelo próprio autor. **Objetivos:** apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves, da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Breves, pesquisa que mapeia o imaginário mítico do contexto marajoara e municípios próximos, em especial, à sobrevivência de práticas da tradição oral e ou escrita na voz de narradores, como os textos contados e escritos durante as oficinas ofertadas durante o evento.

Palavras-chave: Narrativas; Experiências; Criação literária; Oralidade; Escrita.

1 INTRODUÇÃO

O artigo relata a experiência e atuação dos resultados parciais do projeto de pesquisa Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves, da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Breves. Inicialmente, a pesquisa se volta para o campo do imaginário mítico do contexto marajoara e municípios próximos, em especial, à sobrevivência de práticas da tradição oral e ou escrita nos repertórios de narradores da região. Para tanto, desde 2022, o projeto vem realizando o levantamento e a recolha de narrativas do imaginário oral e popular do referido município, ou seja, os mitos presentes nas mais variadas formas narrativas e textos da cultura brevese. Partindo da premissa do método cartográfico de Jesús Martín-Barbero (2002), um dos objetivos da pesquisa é cartografar, identificar, registrar e estudar o conjunto de mitos da região, em face disso, o mapeamento das mitopoéticas também se dá a partir dos aportes teóricos da chamada literatura oral, com base no veio teórico/metodológico de Paul

Zumthor (1993), autor que sustenta o trabalho de pesquisa com as poéticas da oralidade e a performance de narradores em diferentes espaços. A primeira parte do projeto realizou a recolha dos textos em que os mitos e suas variantes se expressam nos diversos textos do imaginário, a esse exemplo, o cordel do escritor marajoara Antonio Juraci Siqueira que registra e narra uma das variantes do mito da criação dos rios do Marajó, ao mesmo tempo em que recupera o mito da Cobra Grande que, como a narrativa descreve, os caminhos que foram se abrindo para que os rios surgissem, essa matriz oral foi o ponto de partida para o encontro com outras matrizes da região.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A parte analítica desse trabalho abarca os textos narrados e registrados durante as duas oficinas de criação literária. Para isso, a partir do método de contação e produção textual empregado por Juraci Siqueira durante as oficinas, e de posse do material em formato de cordel, mapeamos o conjunto de textos e suas respectivas modalidades, a saber: *Breves Cordéis* (2010) e *Breves Histórias* (2020). Os *Breves Cordéis* reúnem o material da oficina de poesia popular – trova e cordel, as oficinas de criação literária ministradas por Siqueira (2010, p. 1) são definidas da seguinte maneira:

A metodologia empregada em uma oficina literária varia de acordo com o perfil dos participantes e o tempo de duração [...] Assim, para as chamadas “oficinas relâmpagos” com duração de uma a duas horas, por exemplo, o oficinairo não pode se ater em teorias, optando por métodos práticos de fácil assimilação para que todos possam participar e produzir algo. A faixa etária e o grau de instrução dos participantes também é determinante.

Siqueira também é bastante reconhecido pelo seu trabalho docente e como ministrante de oficinas da Casa da Linguagem, local onde desenvolve oficinas de criação literária com carga horária mais longas. Nas oficinas do ECLEB fica clara sua proposta bastante flexível para com o público, ao mesmo tempo em que se verifica o método adotado para a criação das trovas: “composição popular de quatro versos setissílabos com sentido completo”.

Os textos presentes em *Breves Cordéis* são os resultados da oficina, a produção final, na parte introdutória da oficina o oficinairo apresenta e discute as técnicas de metrificação, os esquemas e as rimas a serem empregadas, e os títulos de cada trova. Por último, as oficinas não têm a “pretensão de ensinar alguém a escrever”, afirma Siqueira (2010, p. 2), ou formar escritores, e sim “despertar” as experiências de narrar que muitas vezes estão adormecidas em cada participante. Em *Breves Cordéis* estão presentes as seguintes trovas: “Quanto mais a gente reza, mais aparece visagem”, (composição coletiva em 5 sextilhas, esquemas de rima xaxaxa); “As incríveis histórias do Zé Potoca”, (composição coletiva em 4 sextilhas, esquema de rimas xaxaxa); “As belezas naturais da Ilha do Marajó”, (composição coletiva em 6 sextilhas, esquema de rimas xaxaxa); “A história da cabocla que teve um filho do Boto”, composição coletiva em 7 sextilhas, esquema de rimas xaxaxa); “Quando o boto virou homem pra dançar num puxirum”, (composição coletiva em 10 septilhas, esquema de rimas xaxaxa e ababccb). Já no folheto de *Breves Histórias* constam oito narrativas: “A cobra encantada”; “Dia de finados”; “O aborto”; “O rapaz de branco”; “Os alunos e assombração”; “O pretinho da cintina”; “A Bôta”; “Lenda do Boto”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trova “Quanto mais a gente reza, mais aparece visagem”, produção textual coletiva, diga-se de passagem, que a parte prática da oficina privilegia o trabalho coletivo, a contação e a criação literária em grupo. Ao final, o autor contempla a autoria e o texto dos autores e autoras. Essa primeira trova que é fruto da produção coletiva das autoras: Ana Cecília Leal,

Edienifer Rocha, Ednivia Meirles, Francimeire Miranda, Marcilene Menezes e Sonaira Duarte é uma variante do ditado popular “Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece”, na verdade, a assombração tratada como sinônimo de visagem, em tons de humor a trova satiriza a corrupção dos políticos e a “politicagem”, muitos são criticados por usarem o voto como “moeda de troca” para seus próprios interesses, como se verifica no trecho abaixo:

Quanto mais a gente reza, mais aparece visagem!
Muitas coisas acontecem como a tal politicagem
que engana o povo,
uma grande malandragem.

A próxima trova escrita por Fernando Henrique, Maria do Socorro Conceição, Vanessa do Amaral, Gilkedson e Vivia Soares faz referência ao personagem que sobrevive no imaginário popular de Breves, o Zé Potoca, nessa mesma trova e em meio ao repertório de Zé Potoca, há uma referência ao mito da Cobra Grande:

Meus amigos, vou contar:
êta, cabra mentiroso, caboclinho pra inventar!... Ele engana até o tinhoso. Histórias
incríveis conta, pra mentir é talentoso [...]

Potoca é tão mentiroso
que de um pouquinho ele expande. Segura que lá vem outra,
agora é da cobra grande:
afirma que matou uma
com uma faquinha de frande.

A terceira trova descreve a paisagem marajoara e as “belezas naturais da Ilha do Marajó”, composta por Nair Borges, Fabiana Galúcio, Lucirene Souza, Monique Serra e Janáina Galvão. Além da descrição visual do bioma marajoara, o texto menciona o mito do Boto, a questão do trabalho e extração do açaí, na parte final da composição, o sentimento de pertencimento com a cultura e a identidade se expressam nos excertos abaixo:

Rios imensos, pequenos onde o boto lhe aparece, muito verde, seu menino, que de
tão lindo enlouquece
Belas praias, lindos campos... Quem a vê jamais esquece [...]

O marajoara sabe
que da mata vem o sustento: vem o líquido precioso,
o açaí que é alimento e por isso ele preserva
pra não acabar com o tempo.

Minha ilha, meu lugar, Como não agradecer? Terra boa pra morar, Pra você vou
dizer:
É uma ilha muito linda, lhe convido a conhecer.

Em “A história da cabocla que teve um filho com o Boto”, os autores Luan Leal, Ionan do Socorro, Benedita Viana e Carlos Augusto mencionam o mito do Boto Tucuxi. Como na trova acima, a entidade aparece novamente na voz dos referidos autores:

Essa história aconteceu Na ilha do Marajó,
me disse um amigo meu, numa festa de forró
com a filha mais bonita na casa do seu Feijó.

A menina se chamava Maria da Conceição. Todo mundo admirava tão formosa
aparição, era a moça mais bonita

que até chamava atenção.

De repente apareceu um rapaz tão diferente e a menina estremeceu no meio daquela gente.

Foi então que aconteceu aquela ação surpreendente.

O rapaz vestia branco e a Maria não resistiu.

Para os fundos tinha um poço e os dois ninguém mais viu.

No forró da alegria

só Maria não sentiu [...]

O Povo então comentava o que diziam por ali

que por lá não se encontrava o pai daquele guri

e a Maria resmungava:

- É do Boto Tucuxi...

A última trova assinada por Clodoaldo Miranda, Marlene Barbosa, Raimundo Pinto, Jéssica Souza e Lemoel Cardoso também recupera o mito do Boto. Em algumas passagens do texto, o mito incorpora uma atmosfera sobrenatural, momento em que se descreve a aparição do Boto em uma festa, além disso, a crença na mitopoética do Boto é evidente, e o erotismo que envolve o mito é sutilmente representado na trova:

Nós vamos contar um fato que um dia aconteceu

no meio de uma festança na casa dum amigo meu: todos estavam dançando, a banda, alegre, tocando

quando um homem apareceu [...]

Ficou a moça encantada e com ele foi embora pois estava apaixonada, não queria muita demora. Era alta madrugada

e ela disse incomodada:

- Já chegou a minha hora.

O texto de Lemoel Cardoso homenageia o poeta Juraci Siqueira com uma trova, o mesmo folheto contém algumas fotografias da cidade de Breves e cenas do cotidiano dos rios do Marajó, fotos dos rios, da floresta e das canoas imprimem um “ar” devaneante da paisagem amazônica. Em *Breves Histórias* estão os resultados da oficina de oralidade e escrita do V Colóquio de Letras de Breves realizado no ano de 2020, com a digitação, paginação, revisão e edição de Juraci Siqueira (2020, p. 2), o folheto contempla narrativas de alunos de Breves e do município de Curalinho. A primeira história narrada por Ediane Alves conta a história da cobra encantada, tem como personagem principal a avó que era parteira e ao ser chamada para realizar um parto, presenciou a seguinte situação:

Minha avó parteira, certa vez foi fazer um dos inúmeros partos [...] Chegando, lá estava a tia Creuza esperando. A vovó começou os trabalhos. As horas passando e nada da tia Creuza dar à luz. Vovó então começou a fazer as rezas, os chás e tudo o mais que uma boa parteira sabia fazer. Depois de muita luta, tia Creuza começa o parto e, pra surpresa de todos que estavam na casa, eram gêmeos: um rapaz (menino) e uma cobra que havia saído toda enrolada no menino. Vovó então com toda a sua experiência, jogou água benta nos dois e a pequena cobra fugiu para o rio. Anos depois ela, mais crescida, veio m busca do irmão. Pediu ajuda para ser desencantada. Ele teve medo e negou-se a ajudá-la. Anos depois, o irmão já chefe de família, saiu para beber e, quando retornou, a sua esposa tinha fechado a casa. Ele então foi para o trapiche da casa ao lado onde deitou-se e dormiu. Então ao rolar de um lado para o outro, caiu na água. Ao amanhecer todos sentiram a sua falta e começaram a procurá-lo. No meio da confusão, um dos seus vizinhos começou a gritar pedindo socorro: havia um homem flutuando no rio, todo cheio de gosma e lodo, desmaiado. Tiraram ele da água e então, recuperado, contou que sua irmã cobra

havia lhe salvado a vida e lhe levava para conhecer sua casa e falar de sua tristeza por ter que partir, pois seu tamanho descomunal não lhe permitia morar naquele rio e teria que procurar um rio maior.

Essa narrativa de encantamento se confunde com o mito da Cobra Grande, e pertence ao conjunto das encantarias das águas, dos seres naturais que interagem com o sobrenatural, nesse limiar, as fronteiras do real/imaginário se diluem. Notamos também a presença do saber das parteiras em conduzir os partos, manipular ar ervas e os chás, a atmosfera insólita e religiosa, especialmente, na descrição da cobra ao ser parida e jogada ao rio. Tanto no texto acima como nos textos seguintes, a avó é a voz guardiã dessas narrativas. Em o “Dia de finados” e “O aborto”, Jailton Freitas conta duas narrativas que ouviu de sua avó, a primeira narrativa fala do respeito ao dia dos mortos e a segunda é uma história sobre o aborto:

Minha avó contava a história que sua vizinha tinha um filho de 27 anos que era caçador e vivia da caça e da pesca. Em um certo dia, feriado, ele foi caçar, porém sua mãe pediu que ele não fosse, já que era um simples feriado, era dia de finados, dia que os mortos vêm visitar a terra e pegar velas. Mesmo assim, ele ignorou o pedido da mãe e foi. Já no mato, ele vê uma moita de folhas se mexer. Quando ele vai olhar, era um morto que estava lá. Sem esperar, ele sai correndo e ao chegar em casa estava com febre e delirando. Sua mãe o leva no benzedor que reza sobre ele para assim afastar o tal morto de perto dele, caso contrário ele teria morrido.

Diz a história que uma moça engravidou mas não queria aceitar a tal gravidez. Certo dia, perto dos quatro meses de gestação, decidiu abortar: tomou vários comprimidos e conseguiu o aborto. Agora, todo ano na data que o bebê deveria ter nascido, a tal mulher escuta o choro da criança.

A terceira narrativa é o “Rapaz de branco”, na voz de Dina Rodrigues que não sabe ao certo se era aparição real, sonho ou alucinação, o relato que é fruto de sua própria experiência, recupera a matriz oral do Boto, como mostra a descrição desde forte odor, o pitiú¹, as características físicas e a vestimenta do rapaz:

Não sei ao certo se foi real ou alucinação, só sei que vi. Trabalhava em uma vila no interior de Curralinho e, em um certo domingo, estava eu conversando com algumas amigas no quarto da casa que morávamos. Senti um cheiro de pitiú. Continuamos a conversar até pegarmos no sono. De repente abri os olhos e avistei um rapaz atrás do punho da minha rede. O moço era branco de rosto rosado, nariz afilado e estava de camisa branca e de chapéu branco. Fiquei assustada e comecei a gritar pelos nomes de minhas companheiras, no entanto, ninguém acordava. Continuei a chamá-las e também bater fortemente em suas redes, só assim despertaram. A partir do momento que abriram os olhos, não mais consegui ver a imagem do homem de branco, a imagem foi se desfazendo.

Em “Os alunos e a assombração” referem-se ao padre sem cabeça que, no entender do autor, trata-se de uma visagem que aparece no Colégio Santo Agostinho de Breves; já a segunda narrativa é o “Pretinho da cintina”, ambos os casos foram contados e registrados por Lucas Marques.

Era uma tarde de ensaio para o Arte e Lendas no Colégio Santo Agostinho. Eis que no final do ensaio, os alunos se reúnem na frente do colégio [...] e começaram a contar histórias e cantar. Dessa forma, acabaram não se tocando que o tempo está passando e logo o cair da noite vem. Os alunos decidem entrar no colégio. O colégio Santo Agostinho tinha uma história de aparecer assombrações, visagens e outros afins. Um

¹ Expressão bastante conhecida na região amazônica, refere-se ao mau-cheiro, fétido, ou algo que exala um intenso cheiro de peixe, segundo Raymundo Moraes (2014, p. 214).

dos alunos foi na frente e propôs: – Ei, seus medrosos, vamos lá dentro ver se o padre sem cabeça está dando o ar da graça [...] Os alunos partiram em direção ao corredor da escola, cuidadosamente. O corredor estava muito escuro, num clima de medo [...] surge um homem de branco vindo em direção a eles, colocando um passo após o outro, como se estivesse em uma corda bamba. Os alunos saíram correndo, gritando e se desesperando com a tal visagem.

Em uma noite de lua cheia, no rio Macacos, Chico pede a lamparina para ir na cintina. Sua mãe lhe dá a lamparina e ele parte para fazer suas necessidades. Chico chega na cintina e faz o que tem que fazer, no entanto, quando ele sai de lá, se depara com um pretinho e eles dialogam: – E aí, meu primo? Tu poderias me emprestar a lamparina pra eu fazer minha necessidade? – Oxe! Mas é claro! Não te conheço mas empresto, sim. O pretinho comenta com Chico sobre a lua e como a mesma estava muito bonita. E depois de tanta prosa, Chico parte para a sua choupana. E ao chegar em sua choupana, sua mãe questiona: – Ei, Chico, cadê a lamparina?! – Eu deixei lá pro pretinho, vá com ele. A mãe parte para a cintina e lá não vê nenhum pretinho nem nada. A mulher sente calafrios e volta para casa relatando tal sentimento ruim. A lamparina nunca mais apareceu.

Nas duas histórias de assombração, o medo é acionado pela ambientação e atmosfera noturna, o que confere maior significado simbólico aos textos e instaura o terror, sobretudo, no primeiro caso, enquanto no segundo, a explicação para a manifestação do sobrenatural se dá a partir das sensações físicas da mãe de Chico, ao ir conferir se o evento era verdadeiro²². Os dois últimos textos do folheto são duas versões do mito do Boto, e a primeira inverte a estrutura convencional do mito do Boto, inserindo na narrativa o protagonismo feminino e a questão de gênero, invertendo, inclusive, a visão da mulher passiva diante do homem, ao retratar a mulher Bôta, a formosa moça que seduz o rapaz, porém a narrativa termina com um trágico e violento desfecho. Narrada e escrita por Brenda Salazar a narrativa é a seguinte:

Um homem vivia isolado em uma casinha na beira do rio. Um certo dia, à boca da noite, uma linda moça apareceu na sua casa e perguntou se podia dormir junto com ele na rede. Prontamente, ele disse que sim. A partir desse dia, todas as noites a moça vinha e deitava-se com ele e partia antes do amanhecer. O homem, já apaixonado, não desconfiava dessa situação aparentemente estranha. Um certo dia, o homem foi na casa dos seus conhecidos e lá eles perguntaram se ele estava bem, pois estava com uma aparência de doente, amarelo de muito magro. O homem então lhe contou a respeito da moça que todas as noites dormia na sua rede. Os amigos então disseram que a mulher que dormia com ele era uma bôta, e que a mesma o mataria se ele não fizesse isso antes dela. O homem foi embora para a sua casa pensativo, pois não acreditava que a moça por quem estava apaixonado fosse mesmo uma bôta. Então, no caminho ele foi pensando em um plano para descobrir se ela era realmente uma bôta. Assim sendo, à noite, antes dela chegar, escondeu uma faca consigo na rede e esperou a moça chegar. Logo ela chegou e se deitou com ele. Nesse momento ele perguntou para ela se ela o amava: – Mulher, tu me amas? Ela respondeu: – Claro que te amo. – Então passa o dia comigo. Ao que ela, sem saída falou: – Não posso, tenho muitas coisas pra fazer... Foi nesse momento que o homem olhou no topo da cabeça da mulher e viu um enorme buraco. Nesse momento ele pegou a faca escondida e enfiou no peito da moça que levantou desesperada e correu para a beira do trapiche e o homem foi atrás. E foi nesse exato momento que ele viu a moça se transformar em bôta e pular no rio.

A última narrativa é a “Lenda do Boto” resume o mito: “diz respeito a um boto que seduz as mulheres, durante a noite ele se transforma em um bonito homem, com isso ele se relaciona sexualmente com as mulheres, feito isso, ele acaba por voltar ao rio”, contado e escrito

²² De forma sutil a narrativa carrega um discurso preconceituoso, até certo ponto racista, ao descrever a entidade pelos traços físicos, a cor da pele, mais ainda, pelo local onde ocorre a sua aparição.

por Mateus Rodrigues.

4 CONCLUSÃO

Até o presente, o projeto de pesquisa tem se debruçado em mapear as matrizes orais de Breves e municípios próximos. Assim, a partir desses primeiros dados sobre os mitos da região, os leitores podem ter uma noção do material cartografado, estudado e analisado. Sem dúvida, que o projeto ainda terá muitos outros desdobramentos.

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Breves Cordéis**. Belém-PA, 2010.

Breves Histórias. Belém-PA, 2020.

O mito da criação dos rios da Ilha do Marajó (cordel). Belém-PA, 2018.

MORAES, Raymundo. **O meu dicionário de coisas da Amazônia**. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Performance, recepção, leitura. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.